

A Verdade e a Mentira¹: a blasfémia no discurso do Padre António Vieira

Ana Ruas Alves

Universidade de Coimbra
anaruasalves@gmail.com

Resumo: Após a realização de um estudo sobre a blasfémia em Portugal, no Tribunal Inquisitorial de Évora, pretendeu-se indagar como é que um dos mais brilhantes pensadores e oradores portugueses de Seiscentos considerou o delito de blasfémia na sua obra. A metodologia adoptada partiu da palavra chave, “blasfémia”, por ele utilizada enquanto pregador, visando, sobretudo, a necessidade da renovação espiritual da Igreja e do modelamento dos comportamentos. Num conjunto de 221 sermões consultados apenas 30 registaram esta palavra.

Em suma, o que aqui se propõe é, sobretudo, compreender de que modo o Padre António Vieira aplicou a nova pastoral seguida após o Concílio de Trento e pôs em prática uma pedagogia catequética, litúrgica, cultural e confessional com a finalidade de evangelizar o povo através de uma retórica dramatizada.

Os autores a quem Vieira mais recorrentemente atribuiu o “pecado da língua” pertenciam, geralmente, a grupos sociais dominantes, ou mais privilegiados. Neste grupo de pessoas incluem-se os governantes e a *elite* cultural laica e eclesiástica.

A blasfémia surgiu na obra de Vieira como forma de mostrar a ignorância dos homens, a cobiça, a inveja e a ociosidade. Verificou-se, também, que a blasfémia apontada pelo missionário atingia somente o panteão da família divina, o Pai, o Filho e a Virgem Maria.

¹ VIEIRA, Padre António – *Sermões de Padre António Vieira - “Sermão da Quinta Domingo da Quaresma na Igreja Maior de da Cidade de São Luís no Maranhão, 1654”*, Lisboa : Na Officina de Joam da Costa [et al.], 1679-1718, § I.

Introdução

“Em hum Indio blasfemo, que disse, que não tinha outro Deos, senão o diabo, entrou hum diabo tão furiozo, que a elle, e a quanto achava diante, despedaçava. Foy socorrido dos Padres com os Exorcismos por oito dias, e no fim delles desapossado o inimigo. (...) Ficou muito outro, e muito ensinado o Indio, dando satisfação publica, como fora publico o escandalo”².

Após ter realizado um estudo sobre a blasfémia em Portugal, no Tribunal Inquisitorial de Évora, quis indagar como é que um dos mais brilhantes pensadores e oradores portugueses de Seicentos considerou o delito de blasfémia na sua obra. A metodologia adoptada partiu da palavra chave: “blasfémia”, por ele utilizada enquanto pregador, visando sobretudo, a necessidade da renovação espiritual da Igreja e do modelamento dos comportamentos.

Deste modo, encetou-se a leitura de um número representativo de sermões que chegaram até nós. Num conjunto de 221 sermões consultados apenas 30 registaram a palavra chave. Nesta amostra Vieira apela de blasfemos os que ofendiam Deus. A palavra blasfémia provém do grego *βλαπτω* (*blaptu*=lesão, dano) e *φήμη* (*féme*=fama) e do latim *blasphemia* que significa “palavra que dana a fama”, ou seja, difamação ou maldição contra Deus³.

Em síntese, o que aqui se propõe visa sobretudo, compreender de que modo o Padre António Vieira aplicou a nova pastoral seguida após o Concílio de Trento. Assim, pôs em prática uma pedagogia catequética, litúrgica, cultural e confessional cujo objectivo era catequizar os fiéis utilizando uma retórica dramatizada, para perpetuar na memória a vida de Cristo e o seu sofrimento para a salvação dos homens⁴.

Finalmente pretendeu-se, partindo da obra de Vieira e dos inúmeros estudos que sobre ela se debruçaram, inovar, dentro do que é possível, ressuscitando uma faceta de Vieira que pudesse estar adormecida.

² BARROS, Padre André de (SJ) – *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus, chamado por Antonomasia O Grande: Acclamado no Mundo Por Principe dos Oradores Evangelicos. Pregador Incomparavel dos Augustissimos Reys de Portugal, Varão esclarecido em Virtudes, e Letras Divinas, e Humanas; Restaurador das Missõea do Maranhão e Pará. Dedicada ao Serenissimo Senhor Infante D. Antonio pelo Padre André de Barros da Companhia de Jesus*, Lisboa: Na Officina Sylviana, MDCCXLVI, p. Liv. II, 247.

³ AQUINO, Tomás de – *Suma theologica de São Tomás de Aquino*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, vol. 7, 1959-64 p. 423.

⁴ ALVES, Ana Ruas – *Por Quantos Anjos Pario a Virgem – Injúrias e Blasfémias na Inquisição de Évora, 1541 a 1707*, Universidade de Coimbra: dissertação de mestrado apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006, p. 42 – 43, p. 96, 98 - 105.

Os Sermões

Para se avaliar a retórica utilizada nos 30 sermões aplicou-se uma tipologia semelhante à que foi adoptada pelo próprio Vieira:

“ E assi huns serão Panegyricos, outros Gratulatorios, outros Apologetico, outros Politicos, outros Belicos, outros Nauticos, outros Funeraes, outros totalmente Asceticos; mas todos, quanto a materia permita (& mays do que em taes casos se costuma) Moraes”⁵.

Por conseguinte, partindo dos respectivos temas, os sermões dividiram-se em:

- a) Históricos e proféticos;
- b) Místicos e ascéticos;
- c) Panegíricos e apologéticos.
- d)

O gráfico da figura 1 apresenta o número de sermões em que a palavra chave, blasfémia, foi utilizada por Vieira. No total de 220, essa ocorrência registou-se em 30. Esta amostra revela um padrão bem definido:

3. Nos 19 sermões místicos verificou-se que Vieira chamou a atenção para os que blasfemavam contra o Pai, o Filho e a Virgem Maria.
4. Nos 5 sermões históricos e proféticos a blasfémia surgiu como forma de mostrar a ignorância dos homens, a cobiça, a inveja e a ociosidade. Também, nestes sermões, a blasfémia dos homens dirigia-se contra Deus, Cristo e à Virgem Maria.
5. Nos 6 sermões panegíricos e apologéticos dedicados aos dias festivos dos santos verificou-se, uma vez mais, que a blasfémia apontada pelo missionário atingia o panteão da família divina.

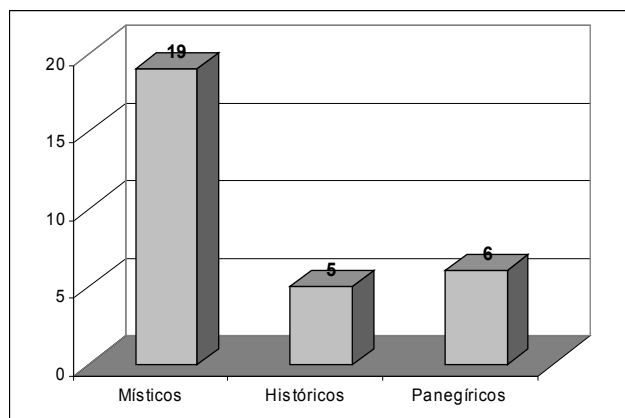


Figura 1 – Sermões, blasfémia e a correspondente tipologia

⁵ *Sermoens do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, Prégador de Sua Alteza Parte dedicada ao Principe, N.S.*, Lisboa: Na officina de Ioam da Costa, MDCLXXIX, páginas iniciais.

Conclui-se que a blasfémia proferida contra os Santos e o Espírito Santo não aparece nos sermões que foram analisados. Não era por acaso, que a família divina era mais negada e atacada pelos blasfemos: ela projectava a sua imagem e era o espelho da sociedade católica. Para além desta explicação, existe outra que possivelmente justifica que os santos e o Espírito Santo fossem alvo de menos blasfémias, como se verificou na Inquisição de Évora⁶. Os primeiros estavam demasiado próximos do homem, logo, não teriam tanta potência divina; o segundo era uma figura demasiado abstracta para que se identificassem com ela.

A blasfémia e o calendário litúrgico nos sermões de Vieira.

Ao analisarem-se os sermões verificou-se que eles correspondiam a um ciclo temporal que se passa a expôr⁷.

O *Ciclo da Páscoa*, que começa na Quarta-Feira de Cinzas e termina no Domingo de Pentecostes. Dos 30 sermões analisados, seis foram efectuados no período da Páscoa. Os temas dos sermões focam essencialmente a paixão de Cristo e a blasfémia cometida pelos homens perante esse acto.

A *Oitava da Páscoa* são os oito primeiros dias do Tempo da Páscoa – “Pequena Oitava”, em contraste com a “Grande Oitava” de sete semanas que culmina com o Espírito Santo. Durante este período apenas se registou um sermão.

O *Ciclo do Natal* inicia o Ano Litúrgico com o 1º Domingo do Advento e decorre até ao Domingo que sucede à Epifania. Dos 30 sermões registados apenas dois se localizam nesta época.

Na *Epifania* do Senhor, Festa do Baptismo, não se encontrou nenhuma referência à palavra blasfémia, apesar de ter ocorrido um sermão que integra a amostra assinalada.

O *Tempo Comum* conta-se a partir da Segunda-Feira após o Baptismo do Senhor e termina no Sábado que precede o 1º Domingo do Advento. Verificou-se que a maioria dos sermões em que Vieira se insurgira contra os blasfemos foi proferida no tempo comum: contam-se 22. Estes não tinham correlação com o tema do calendário litúrgico; houve um maior registo por corresponder a um período de tempo mais alargado.

⁶ Na Inquisição de Évora apenas 8% das blasfémias eram dirigidas aos santos e ao Espírito Santo, obra já citada.

⁷ sphaera/computo/liturg.htm, “Calendário Litúrgico”, consultado a 17/08/06.

Os sermões estudados têm em comum o espírito crítico, sagaz, humanista e político do Padre António Vieira. As suas citações compreendem as Sagradas Escrituras, o Antigo e o Novo Testamento. Em todos surgem as antinomias: inferno e paraíso; céu e terra/mundo; sol e lua, águia e lince, a primeira representando a sabedoria e o amor a Deus, o segundo representando a astúcia e a sabedoria dos que negavam Deus; Deus e o Demónio; os governantes e o povo; os sábios e os ignorantes, cabendo uma crítica aguçada aos sábios: escribas e filósofos. A sua oratória era detentora de grande sabedoria humanista que se reflecte nas comparações que faz dos heróis das tragédias gregas com a narrativa dos santos mártires e dos factos políticos e históricos. Sónia Salomão refere que, no sermonário do Padre António Vieira, se fundiam as tradições greco-latina e cristã com a consentânea actualização das antigas autoridades. Assim, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, de um lado, e Plotino e Santo Agostinho, de outro, levavam à fusão do orador com o apóstolo, tentando harmonizar a contradição de duas heranças: a do orgulho greco-latino com a da humildade pregada pelo Cristianismo⁸. Acerca da eloquência grega, Fr. João da Madre de Deus, qualificador do Santo Ofício, Provincial da Ordem de S. Francisco, pregador do Rei e examinador das Ordens Militares, teceu-lhe o seguinte elogio quando qualificara os seus sermões:

“(...) & prometteo o seo grande talento; para que por benneficio da imprensa ficasse immortal na memoria dos vindouros a gloria, que logra a admiração dos presentes; & que soubesse o mundo que não tinha que envejar Portugal á erudição Latina, & á eloquencia Grega...”⁹

Vieira utilizou a metáfora e as parábolas de uma forma tipicamente barroca e, por vezes, de difícil compreensão, tornando-se a sua escrita um manancial apetecido pelos seus amigos e tanto inspeccionado como criticado pelos inimigos e sujeito à censura cuidada dos qualificadores.

Sermões históricos e proféticos

A verdade e a mentira: a verdade do pregador e a mentira dos ouvintes - Sermam da Quinta Domingo da Quaresma Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão.

O sermão realizado na Igreja Maior da cidade de São Luís, no Maranhão, em 1654, inicia com a alegação: “*Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis, mendax*”. Ioan, 8. Nele, Vieira começa por afirmar, “*A verdade e a mentira: a verdade do pregador e a mentira dos ouvintes. As tres especies de*

⁸ SALOMÃO, Sonia N. – *As lágrimas de Heráclito*, São Paulo: Editora 34, 2001, p.57.

⁹ *Sermoens do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, Prégador de Sua Alteza Parte dedicada ao Principe, N.S.*, Lisboa: Na officina de Ioam da Costa, MDCLXXIX, fls não numerados.

*mentiras com que os escribas e fariseos hoje contradisseram, caluniaram e quizeram afrontar e deshonrar o Filho de Deos*¹⁰. Partindo deste trecho pode antever-se a crítica do Jesuíta a todos os governantes do Maranhão que negavam Cristo através dos actos que cometiam. O discurso envolve a intenção política de os atacar uma vez que se opunham à sua acção evangelizadora. Vieira invocou no sermão a inveja, o ódio, a raiva, a vingança e os interesses dos que governavam.

“(…) Disse-lhes Cristo que era Filho de Deos verdadeiro, a quem eles chamavão Pai sem o conhecerem: disse lhes que os que recebessem, & observassem sua doutrina viverião eternamente, & aqui mentiram não crendo a verdade: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* (…). Enfim, mentiram afirmando a mentira, porque disserão que Cristo era samaritano e endemoninhado: *Samaritanus es, et daemonium habes*. E para mentirem duas vezes em huma mentira, repetirão a mesma blasfemia ratificando o que tinham dito e alegando-se a si mesmos: *Nonne bene dicimus nos?* Mal he dizer mal, mas depois de o haverdes dito, dizerdes ainda que dizeis bem, he um mal maior sobre outro mal, porque he estar obstinado nele”.

“*No Maranhão até o sol e os céus mentem*” afirmava António Vieira porque no “*Maranhão não há verdade*”. A primeira proposição revela a frustração que o pregador sentia ao analisar a sociedade que o rodeava. A segunda reforça a primeira, utilizando a retórica e a lógica aristotélica, ou seja, o silogismo truncado: se “mentem” “não há verdade”. O que era a verdade e a mentira? A verdade era a palavra do Pregador, ou seja, a doutrina pela qual se salvavam os homens. A mentira era a negação dos homens através das suas acções quando impugnavam a palavra do pregador porque blasfemavam. Aplicando esta lógica o missionário apresentava no discurso duas premissas não contrárias para que os ouvintes chegassem a uma conclusão. Este sermão revela bem a sintonia com os retóricos e o recurso às técnicas usadas pelos autores clássicos. O paralelismo pode verificar-se na obra de Platão, *A República*, onde se discute que a alma é mais corajosa e sensata quando não é abalada nem alterada (381 a e)¹¹. A analogia é visível na mentira sobre os deuses e na preocupação da integridade/salvação da alma: “(…) e que ninguém venha contar mentiras sobre Proteu e Tétis”. Em ambos os autores é perceptível a mesma finalidade pedagógica. Veja-se o que afirma Platão “(…) chamar-se-ia verdadeira mentira à ignorância que existe na alma da pessoa enganada... Por conseguinte a mentira autêntica é detestada não só pelos

¹⁰ *Sermoens do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, Prégador de Sua Magestade Quarta Parte*, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, MDCLXXXIII, - *Sermam da Quinta Dominga da Quaresma: Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão. Anno 1654*, fls (291 a 317), 292

¹¹ PLATÃO – *A República*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949. (trad. Maria Helena da Rocha Pereira), Liv. II, p. 96-100, (381 a e).

*deuses, mas também pelos homens*¹².

Num fragmento do mesmo sermão, ao expor a visão que os alemães tinham dos europeus, Vieira mostra, também, o pecado que ele atribuía ao povo português. Avalie-se a seguinte fábula:

“Dizem que a cabeça do diabo caiu em Espanha, e que por isso somos furiosos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem que o peito caiu em Italia, & que daqui lhes veio serem fabricantes de máquinas, não se darem a entender, & trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre caiu em Alemanha, & que esta he a causa de serem inclinados à gula, & gastarem mais que os outros com a mesa & com a taça. Dizem que os pes caíram em França, & que daqui nasce serem pouco sossegados, apressados no andar, & amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos & unhas crescidas, um caiu na Holanda, outro em Argel, & que daí lhes veio – ou nos veio – o serem corsários. Esta he a substancia do apologo, nem mal formado, nem mal repartido, porque, ainda que a aplicação dos vícios totalmente não seja verdadeira, tem comtudo a semelhança de verdade, que basta para dar sal à sátira. E, suposto que à Espanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte dela que nos toca ao nosso Portugal he a lingua, ao menos assim o entendem as nações estrangeiras que de mais perto nos tratam. Os vícios da lingua são tantos, que fez Drexélio um abecedario inteiro, & muito copioso deles”¹³.

Qual era o diagnóstico traçado para o povo ibérico? Os alemães atribuíram a queda da cabeça do Diabo a Espanha. Vieira apontou a língua como a parte que toca a Portugal. O Jesuíta observara que os portugueses eram viciados no pecado da língua, isto é, na blasfémia.

Apregoou com mágoa a catástrofe que decorria dos ataques dos holandeses no Maranhão, a guerra da Restauração e a intriga dos governantes. A justificação residia, em última análise, no pecado da língua que negava a graça de Deus.

O Padre António Vieira fez realçar a maldade da língua com uma citação de S. Tiago: “*não há fera mais dificultosa de enfrear que a lingua. Para se por o freio na lingua, hão se de meter as cabeçadas na imaginação.*¹⁴” Para tal reforçou a ideia dizendo que “*Os falsos testemunhos formão se na lingua: os juizos temerarios formão se na imaginação; & como da imaginação à lingua há tão pouca distancia, para que não*

¹² PLATÃO – *A República...ob. cit.*, (382 b e c).

¹³ *Sermam da Quinta Domingo da Quaresma: Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão...ob.cit.*, fls fls 294.

¹⁴ *Sermam da Quinta Domingo da Quaresma: Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão...ob.cit.*, fls fls, 302.

*haja falsos testemunhos na lingoa, proibe que não haja juizos temerarios na imaginação*¹⁵.

Falou também da mentira dos ouvidos e da mentira dos olhos. Da primeira disse, “Defende-vos lá agora das vossas mentiras, com dizer que dissestes as mesmas palavras que ouvistes, & que não acrescentastes nada”. Da segunda afirmou “Se quem vai vigiar, & espreitar a vossa vida, & a vossa honra levar alguma nuvem diante dos olhos, (...) por mais que a vossa vida, & a vossa honra seja tão clara e tão pura como hum cristal, há lhe de parecer escura e tenebrosa”.

Com estas palavras o que é que procurava o pregador?

Mostrar que a balança em que se pesavam as consciências na outra vida era muito delicada e o Inferno seria o resultado da desgraça por se ter cometido um falso testemunho. O remédio, esse, “...*está em huma consciencia muito bem examinada, em huma confissão muito bem feita*”¹⁶. Expõe no final do sermão o objectivo da nova pastoral, posta em prática depois do Concílio de Trento, que dava relevância à confissão.

História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto império. Verdade e Utilidades da História do Futuro.

No capítulo IV das *Utilidades da História do Futuro*¹⁷, o Padre António Vieira referiu que a blasfémia dos homens foi dizer que Moisés libertou o povo escolhido do cativeiro do Egipto, negando assim o poder de Deus que “*abriu o Mar Vermelho e afogou nele Faraó e seus exércitos (...)mas nos homens que deviam dar a Deus toda a glória (pois toda era sua), referirem-se a Moisés, era descortesia; atribuírem-na ao ídolo, era blasfémia, e não a darem a Deus toda, era ingratidão sumá*”¹⁸. Mais uma vez, num tom satírico e mordaz, ele acusou os homens de serem mal-agraçados. Era esta ingratidão dos homens que ele projectava na sua oratória com o intuito de salvar todos os que o ouvissem.

Um dos objectivos que ele se propunha com a *História do Futuro* era exaltar nela a fé e o triunfo da Igreja, para glória de Cristo, para felicidade e paz universal. Ao mesmo tempo que o Jesuíta focava a

¹⁵ *Sermam da Quinta Domingo da Quaresma: Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão...ob.cit.,* fls fls 301.

¹⁶ *Sermam da Quinta Domingo da Quaresma: Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão...ob.cit.,* fls fls 316 a 317.

¹⁷ Obras integrais de Padre António Vieira [Documento electrónico]...p. 18.

¹⁸ Obras integrais de Padre António Vieira [Documento electrónico]...p. 23.

blasfémia como uma das causas encontradas para a desgraça do reino apontava, também, a esperança de um mundo melhor através da nova pastoral e o desejo da unificação da Igreja. Esta tinha um papel preeminente, prestava um duplo serviço a Deus e ao Príncipe, pois submetia ao Estado, não apenas os corpos e as faculdades dos subditos, mas ainda as almas e as consciências¹⁹.

“Já Deus, Portugueses, nos livrou do cativo, já por mercê de Deus triunfamos de Faraó e do poder de seus exércitos; já os vimos, não uma, mas muitas vezes, afogados no Mar Vermelho de seu próprio sangue. (...)”²⁰.

Vieira narrou com emoção que os Portugueses conheceram o cativo (União Ibérica) mas que tinham como consolação a carta e a tradição de São Bernardo que profetizava “*Lia-se no juramento de El-Rei D. Afonso Henriques e na promessa do santo ermitão, que, na décima sexta geração atenuada, poria Deus os olhos de sua misericórdia no Reino. Lia-se nas célebres tradições de Gregório de Almeida no seu Portugal Restaurado, que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças dele se haviam de cumprir no ano sinalado de quarenta*”²¹.

O sermão *História do Futuro* tem como motivo principal a sucessão dos quatro impérios. As aspirações messiânicas ao Quinto Império significam a superação espiritual, por redução da multiplicidade histórica ou temporal e da variedade geográfica ou espacial a um todo único, contínuo, sem partes. A noção de um só Império participa da obsessão da totalidade, seja ela de poder, *monarchia*, de língua, de religião: um só rebanho, um só pastor; o herege, o gentio e o judeu aliados ao católico, “unidas todas as seitas do mundo”, feita a “concordia de uma só fé e religião”²².

A ideia de que o mundo era “*geometricamente o mundo*”, de que Portugal seria o local predestinado pelo “*Supremo Arquitecto*”, foi a forma como profetizou que Deus escolheria Portugal para criar o mundo mais perfeito. A geometria e a arquitectura eram metáforas que se podem ler como a construção de uma realidade melhor, perfeita, onde certamente, não haveria lugar para a blasfémia. Na Europa a ruptura tornou-se irreversível com a Reforma, gerando-se ao mesmo tempo rivalidades nacionais. A solução da Contra-Reforma mais não fez que agudizar as separações, e a paz da Vestefália (1648) consagrou a situação de facto e institucionalizou um equilíbrio de identidades nacionais com religiões diferentes.

¹⁹ BOTERO, G. – *Della ragion di Stato*, Torino: Ed. de L. Firpo, Livro II, cap. 16, 1948, p. 137.

²⁰ Obras integras de Padre António Vieira [Documento electrónico]... p. 23 e 24.

²¹ Obras integras de Padre António Vieira [Documento electrónico]... p. 29 e 30.

²² MENDES, Margarida Vieira – *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa: Caminho, 2003 (2ª edição), p. 522.

A Companhia de Jesus, o agente mais dinâmico de uma ideologia restauradora e integralista, foi-se revelando incapaz de reconstituir a unidade perdida. Confundia-se a unificação com o domínio e as Coroas tornaram-se agressivas, economicamente e ideologicamente²³. Daí que Vieira tivesse a necessidade de pregar a unidade, o todo, criado pelo *Supremo Arquitecto*. Só assim se pode compreender a divulgação do Quinto Império como aquele que levaria à instauração da paz e à eliminação das diferenças.

A explicação que Vieira encontrou para o “cativeiro” da União Ibérica foi o resultado da blasfémia contida na crença dos “ídolos” e no desvio dos crentes. No entanto, o autor não se limitou a diagnosticar os problemas mas projectava no futuro a esperança de Portugal atingir a perfeição e a harmonia através dos preceitos morais pós-tridentinos. Para terminar, não se pode deixar de ligar as ideias milenaristas com o sentido profético que o Padre António Vieira atribuiu ao Quinto Império, como o mundo utópico onde se encontraria a paz e o amor, onde a devoção estaria ao serviço da Igreja e da Pátria. O autor aproximava-se dos humanistas como Campanella e More que propuseram nas suas respectivas obras *Cidade do Sol* e *Utopia* paradigmas de mundos ideais, melhores, onde todos os homens encontrariam a felicidade que, para o Jesuíta, só era possível com a salvação da alma.

Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda

Em Maio e Junho de 1640, os Holandeses cercavam a Baía, “capital” do Brasil.

“Os Portugueses sentiam-se à beira de uma catástrofe. A esquadra enviada de Lisboa para romper o cerco dispersara-se no mar e o que restara dela tinha sido desbaratado pelos Holandeses. Não havia esperança de outros socorros e a cidade estava na expectativa de uma situação tão penosa como a de 1624, quando os Holandeses a tinham dominado, obrigando os colonos a fugirem para as fazendas do interior ou para o sertão. As igrejas tinham sido profanadas, tendo os Padres tido muita dificuldade em salvar objectos sagrados.”²⁴.

Nesta guerra confrontavam-se protestantes e católicos. O que estava em causa era o domínio do açúcar e o destino religioso da América. O Bispo da Baía comandara as forças que expulsaram o invasor. Foi este povo angustiado e oprimido que assistiu ao *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda*, na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

O discurso proferido por Vieira é extraordinário porque o orador não se dirige aos fiéis mas ao povo de Moisés, e ao próprio Deus em nome do seu povo²⁵. Tomando como tema um texto do salmo 43

²³ MENDES, Margarida Vieira – *A Oratória Barroca de Vieira*, ob. cit., p. 524.

²⁴ A história dos acontecimentos de 1624 feita pelo próprio Vieira na carta anual do Colégio da Bahia ao Geral dos Jesuítas de 1626, reproduzida por L. d’Azevedo, nas *Cartas de Vieira*, I

²⁵ SARAIVA, José António – *O Discurso Engenhoso: ensaios sobre Vieira*, Lisboa: Gradiva, 1996 (1ª edição), p. 111 a

no qual David diz: “*acorda Senhor, porque dormes?*” declara, assim, que não se propõe converter os pecadores, mas o próprio Deus. Roga a Deus que ajude os portugueses a libertarem-se do jugo dos holandeses. A sua narração enche-se da História de Portugal, dos feitos dos reis portugueses, apelando à misericórdia divina e à remissão dos pecados da língua do quais resultavam catástrofes.

Desde cedo que os reis portugueses se preocuparam com as blasfémias porque se pensava que aquelas atraíam a pestilência, as fomes, os terramotos, as guerras, como resultado da ira divina. Deste modo, D. Dinis legislou contra os que renegassem da fé por palavras: “*que daqui em diante quem quer que descreer de Deus e da Sancta Maria sa madre, e os doestar, que lhi tirem a lingua pelo pescoço e o queymen*”²⁶. Também D. João I mostrou preocupação em acabar com as blasfémias e, por isso, publicou a 3 de Janeiro de 1416, uma lei que punia os blasfemos. Posteriormente, as Ordenações Afonsinas, cuja vigência iria perdurar até à publicação das Ordenações Manuelinas (1513/1514), definiam que competia à justiça eclesiástica apreciar os casos de blasfémia e proferir a sentença adequada. Para combater a blasfémia, as Ordenações Filipinas, publicaram uma lei, de 27 de Julho de 1582, § 35 (Livro V, Título II) que continuava com as medidas tomadas pelos anteriores reis, com ligeiras modificações quanto ao destino dos degredados. No reinado de D. João IV foram confirmadas as Ordenações Filipinas, pela lei de 29 de Janeiro de 1643, devendo vigorar enquanto as circunstâncias da guerra não permitissem elaborar uma nova recompilação das leis²⁷.

No sermão contra os holandeses, o missionário invocou de uma forma brilhante a ira divina. Responsabilizou Deus pela evolução funesta da guerra. Reclamava a Deus uma explicação e uma consequência positiva com a vitória dos portugueses. Vieira interpelou Deus do seguinte modo:

“Pois é possível, Senhor, que hão-de ser vossas permissões argumentos contra a vossa Fé? É possível que se hão-de ocasionar de nossos castigos blasfémias contra vosso nome? Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a língua), que diga o herege, que Deus está holandês? Oh, não permitais tal, Deus meu, não permitais tal, por quem sois! Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigásseis; não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis; por vós o digo e pela honra de vosso Santíssimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum*. Já que o pérfido calvinista dos sucessos que só lhe merecem nossos pecados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua verdadeira, veja ele na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a

113

²⁶ *Ordenações do Senhor Rey D. Afonso V*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, Liv.V, Tit. LXXXVIII, p. 354.

²⁷ Veja-se, ALVES, Ana Ruas– *Por Quantos Anjos Pario a Virgem, ...ob. cit.*, p 28 a 31.

verdade²⁸.

Segundo a opinião de António Saraiva, o sermão *pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal* trata-se de um jogo dramático e não de uma simples súplica amplificada. Job, evocado por Vieira, exprime uma relação dramática entre Deus e a criatura e revela a autonomia radical do homem perante Deus, seu criador²⁹.

Na conclusão do sermão o pregador já não se dirige a Deus mas a Cristo. Vieira seguiu a estratégia que aprendera na sua ordem, isto é, transmitir aos fiéis uma carga muito rica de sentimentos: a súplica, a censura, a carícia, o conselho quase paternal, a ameaça; e se não chega a cair na blasfémia, passeia perigosamente à beira desse abismo para fazer tremer os seus ouvintes. Estes faziam parte do espectáculo, pois eram os figurantes mudos, cujos sentimentos se exprimem pela voz do pregador-corifeu. Desempenham o papel do coro, no teatro grego³⁰.

Sermão de Santa Catarina

O *sermão de Santa Catarina* realizou-se em Lisboa, quando se festejava na mesma cidade a vitória da Restauração (1640).

Vieira pretendeu demonstrar através do exemplo da vida da Santa:

a) a recusa do poder imperial; b) a devoção de Cristo, morrendo por ele; c) a revelação das blasfémias do imperador Maximino “(...) *veneração da que cria nos seus deoses, & negava, & blasfemava em Christo*”³¹; d) a ingratidão dos portugueses que se esqueciam de agradecer a Deus os seus favores e a Restauração de Portugal.

“E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estão dando as graças desta vitoria cada hum ao seu idolo? Huns à sua sciencia militar, outros à sua disposição, outros ao seu conselho, outros aos seu valor, outros aos seus socorros, & confirmando todos isto com certidoens, que, ainda que por huma parte não sejam falsas, por outra são blasfemas,

²⁸ Obras integrais de Padre António Vieira [Documento electrónico]...p. 5.

²⁹ SARAIVA, José António – *O Discurso Engenhoso...ob. cit.*, p. 113.

³⁰ SARAIVA, José António – *O Discurso Engenhoso...ob. cit.*, p. 119.

³¹ *Sermoens de Padre Vieira da Companhia de Jesu, Prégador de sua Magestade Undecima parte oferecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha*, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Majestade, MDCLXXXVI, *Sermão de Santa Catarina*, fls. 1-45

pois he verdadeira blasfemia tirar a Deos o que he de Deos”³².

O Jesuíta recorreu à crítica daqueles que atribuíam a si um poder que era só de Deus, por se vangloriarem da sua vitória na guerra esquecendo-se, porém, que era a Ele que a deviam. O ídolo de cada homem representava a ganância e a soberba perante Deus que era esquecido. A atitude de Vieira acerca da sociedade que o rodeava era sempre crítica e reflectia um conhecimento profundo do homem.

Sermões místicos e ascéticos

Sermão das Quarentas horas

No Sermão das Quarentas horas, pregado em 1642, António Vieira exortou, emocionadamente, a desumanidade dos homens para com Deus. Neste excerto a blasfémia refere-se ao momento da paixão.

“Pregado Christo na Cruz, era tão deshumano o odio dos seus inimigos, que ainda alli lhe multiplicavão as dores, as injurias, as afrontas, & com varias illusoens, & allusoens nao que tinha dito em vida, as blasfemias. Blasfemavão-no os Escribas, & Fariseus, blasfemavão-no os Principes dos sacerdotes, blasfemavão-no os soldados, que lhe jugarão as vestiduras, blasfemavão-no todos os que assistião ao Calvario; & até os que passavão de longe, lhe não perdoavão as blasfemias: Praettereuntes blsaphemabant eum”.³³

Neste discurso utilizou, para além, da violência dramática com que narrou a Paixão, as palavras “batalha”, “tempestade” e “naufrágio”, sucedendo-se estas por associação. Nas três descrições é manifesto o acento posto nas mudanças súbitas de estado, na pluralidade, na desordem total; sempre a partir dos elementos (os ventos, a água, o fogo, as pedras, as nuvens, os raios). Assim criou Vieira o cenário para levar os crentes a sentir o seu pecado e a expiar as suas culpas. Segundo Margarida Mendes, parte deste sermão é retirado de um trecho da Eneida, de Homero³⁴. O Jesuíta era um humanista e, dos seus sermões, exsuda muitas vezes esse conhecimento. Vieira fez do acto da pregação um acontecimento espectacular e portentoso pela forma como critica e combate os que blasfemavam. A pregação é vista como uma

³² *Sermoens de Padre Vieira – Sermão de Santa Catarina ...ob.cit.*, fls.1-45.

³³ *Sermoens de Padre Vieyra da Companhia de Jesu, Pregador de sua Magestade Undecima parte oferecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Majestade, MDCLXXXVI – Sermão das Quarenta Horas, fls 171 a 205. e 188.*

³⁴ MENDES, Margarida Vieira – *A Oratória Barroca de Vieira... ob. cit.*, p. 507.

cerimónia de enorme solenidade, onde os ouvintes afluem em massa; neles se incluem os dirigentes militares e políticos e os homens mais poderosos da corte, a quem ele queria fazer chegar a sua mensagem contra o pecado da língua.

Vigésimo primeiro sermão a Maria Rosa Mística

No vigésimo primeiro sermão a Maria Rosa Mística, Vieira foca a blasfémia que nasce da negação da “pureza virginal” de Maria. Esta homília é duplamente interessante porque o jesuíta enuncia que a Virgem pariu duas vezes, uma na terra, o Verbo Encarnado, outro no Céu, este último o *parto maior* porque Maria deu o Rosário a S. Domingos para o apregoar aos fiéis. A questão dos dois partos de Maria suscitou alguma polémica. Levantava algumas dúvidas respeitantes a heresia e foi censurado por três qualificadores que, após o examinarem cuidadosamente, permitiram o *imprimatur*.

“Vamos à história eclesiástica, & saibamos qual foi a ocasião por que, & qual o modo com que saiu a mesma Senhora com o seu Rosario ao mundo. A ocasião foi a heresia dos albigenses, os quais impia e blasfemamente negavão a pureza virginal da Mãe de Deos. E daqui nascerão as dores, que, sem embargo de estar no céu, atormentavão a Virgem: *Cruciabatur ut pariat* (...). De maneira que teve tanta ocasião de dor, & lhe doeu tanto à Soberana Virgem aquella blasfemia, como se os que lhe negavão a pureza virginal lhe tirarão a vida. E estas foram dores que derão ocasião e apressarão o parto (...) & ditando a Senhora o seu Rosario a S. Domingos, ele e os pregadores apostolicos de toda a sua religião, o publicarão e apregoarão pello mundo, confutando principalmente aquella heresia, e fazendo emudecer as linguas blasfemas dos que a seguiam”³⁵.

A oratória deste sermão divide-se em dois temas principais: o da negação da virgindade de Maria, “pecado da língua” frequente entre os homens que não compreendiam o mistério da concepção, e o “segundo parto de Maria”, que foi considerado polémico. Estaria o pregador a blasfemar?

A esta questão responderam três qualificadores. Dom Rafael Bluteau, Clerigo Regular Teatino censurou deste modo:

“ (...) & não achando nelle cousa alguma contra a nossa Fé, ou bons costumes, a censura,

³⁵ *Maria Rosa Mystica. Exellencias, Poderes, e Maravilhas do seu Rosario: compendiadas em Trinta Sermoens Asceticos, e Panegyricos, sobre os dous Evangelhos desta Solennidade, Novo, & Antigo: offerecidos à Soberana Magestade da mesma Senhora pelo P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, em cumprimento de um Voto, feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de que por sua immensa Benignidade, & poderosissima Intercessão sempre shio livre. I Parte, Lisboa: Na impressão Craesbeeckiana. Anno MDCLXXXV, Sermão XXI a Maria Rosa Mística,*

que lhe dou, he, que todos (na minha opinião) se poderão queixar deste Livro os Leitores, porque terão tanto, que admirar, que lhe faltará tempo para ler; & os Escritores, porque terão tanto, que observar, que não lhe ficará lugar para escrever”³⁶.

Fr. Tomé da Conceição, da Ordem do Carmo referiu que não leu nos sermões “*coisa alguma contra nossa Santa Fè, ou bons costumes*”³⁷. Por último, o Doutor Bartolomeu de Quental, da Congregação do Oratorio disse que “*esta obra he dignissima de se imprimir, porque não soando em algum ponto contra o Reyno*”³⁸. Ao qualificador cabia a tarefa de emitir o seu parecer, em português ou em latim, tendo em consideração, sobretudo a doutrina dos doutores da Igreja e avaliando o grau de heresia³⁹. O sermão foi qualificado e o juízo que dele fizeram é que não continha nenhuma heresia, acabando por ser autorizada a sua publicação.

As Cinco Pedras da Funda de David, em Cinco Discursos Moraes Prégados à Serenissima Rainha da Suecia Christina Alexandra, proferido em lingua italiana na Corte de Roma-1676- (traduzido)⁴⁰.

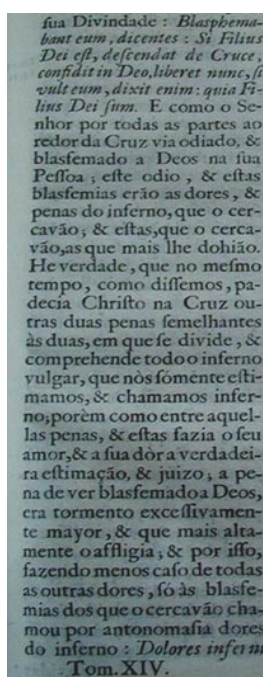


Figura 2– Excerto do sermão *As Cinco Pedras de David*. Fotografia da A.

³⁶ *Maria Rosa Mystica...ob.cit.*, fls não numerados, páginas iniciais.

³⁷ *Maria Rosa Mystica...ob.cit.*, fls não numerados, páginas iniciais.

³⁸ *Maria Rosa Mystica...ob.cit.*, fls não numerados, páginas iniciais.

³⁹ ALVES, Ana Ruas – *Por Quantos Anjos Pario a Virgem, ...ob. cit.*, p. 141.

⁴⁰ Sermoens e varios discursos do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prégador de sua Magestade Tomo XIV Obra posthuma dedicada à Purissima Conceiçam da Virgem Maria N Sra, Lisboa: Por Valentim da Costa Deslandes, MDCCX.

No *Discurso IV - Quarta Pedra de David*, António Vieira profere um discurso contra o pecado de blasfémia.

“Deos manda que meu coração o ame, à minha língua que o louve; porém não póde mandar ao meu coração que o aborreça, nem, nem à minha língua que o blasfeme, & este he o exercicio; continuo de todos os condenados aborrecer eternamente, & blasfemar eternamente de Deos: & que eu, eu com este meu coração o haja de aborrecer eternamente a Deos! Deos eternamente blasfemado! Este he o mayor horror do inferno, este he o objecto mais tremendo, que se deve temer naquelle suplicio”⁴¹

Este sermão foca como figura central o Inferno que existe no coração da terra onde ardem todos os condenados e indica, como outro inferno, o do coração dos homens que revelaram o ódio por Deus e dele blasfemaram. Desta forma, o Jesuíta distinguiu dois Infernos: o Inferno da Terra e o “Inferno do Inferno” destinado aos que explicitamente odiavam Deus. E “*este era o inferno onde o homem blasfemou eternamente de Deus e o aborreceu (...) por isso se chama inferno inferior, porque he o abysmo do abysmo, & a parte mais infernal do inferno*”⁴².

Observe-se a figura 2 que é um excerto do sermão. No texto está patente que da blasfémia resultavam as dores do Inferno. Vieira pregava e descrevia as penas do Inferno e as partes de que este se compunha.

O cálice dos condenados era composto e temperado de três ingredientes: o fogo que era a pena do sentido, o enxofre que fazia o Inferno mais ardente e mais escuro, era a pena de dano, e as tempestades que eram as blasfémias, as injúrias e as maldições que atingiam Deus. Vieira pedia o Céu para os homens que o desejavam⁴³. Nesta passagem do sermão o pregador contava o padecimento de Cristo na Cruz como a maior blasfémia dos homens, castigada pelo Pai com o abismo dos Infernos. Este discurso suplicante e emocionado fazia sentir nos fiéis a culpa. A retórica do sermão assentava nas dicotomias: o céu e o inferno, o bem e o mal, o pecado e a graça, o pecador penitente (consciente da sua culpa) e a busca constante da salvação. A estratégia de tentar atrair fiéis por via de uma mensagem atemorizadora tinha algum sucesso. O Padre António Vieira, segundo um dos seus biógrafos, teria reconhecido que a primeira inspiração que

⁴¹ *Sermoens e varios discursos do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prégador de sua Magestade*, Tomo XIV. Obra posthuma dedicada à Purissima Conceiçam da Virgem Maria N Sra, Lisboa: Por Valentim da Costa Deslandes, MDCCX – Discurso IV- A quarta pedra de David, fls 141-142

⁴² *Sermoens e varios discursos do Padre Antonio Vieyra ob. cit. – Discurso IV- A quarta pedra de David*, fls 146 a 147.

⁴³ *Sermoens e varios discursos do Padre Antonio Vieyra ob. cit. – Discurso IV- A quarta pedra de David*, fls 152 a 153.

o moveu a tornar-se religioso surgiu após uma pregação sobre o inferno que ouvira ao Padre Manuel do Couto, em Março de 1623⁴⁴. Por isso, a narração do inferno desempenhou um papel importante nos sermões, em particular no que acima se citou, o que estava em consonância com a reforma tridentina e a *pastoral do medo* por ela veiculada como sugeriu Jean Delumeau⁴⁵, referindo que, no discurso da Igreja, o inferno aparecia mais vezes que o paraíso. Deus surgia, assim, “mais juiz do que pai”⁴⁶.

Vieira termina o sermão da seguinte forma, “*Christãos, quando o demonio, o mudo, outro inimigo vos tentar fazei a vossos corações esta pergunta:*

“Atrevesse a alma minha, a blasfemar eternamente da Santissima Trindade? A blasfemar do Pai, a blasfemar do Filho, a blasfemar do Espirito Santo? Atrevesse a blasfemar eternamente de Jesu, & seu Sangue, & de sua Meretissima Mãe? Se te atreves, não temas o inferno, se não te atreves, teme o pecado”⁴⁷.

A imagem do inferno era frequentemente utilizada nos sermões como método pedagógico usado pelos “médicos da alma”⁴⁸ para atingir a salvação explicando o sentido do pecado venial e mortal. Neste sermão, o Padre António Vieira apresentava o Inferno como a pena atribuída aos que arbitrariamente blasfemavam contra a família celeste: Pai, Filho, Espírito Santo e a Virgem Maria para, a partir do medo, conduzir os fiéis à salvação.

Sermões panegíricos e apologéticos

Sermão I Da Conceição da Virgem Maria

No elogio à pureza e virgindade na concepção, o Padre António Vieira levou os fiéis a pensar numa passagem da Paixão de Cristo, o momento da crucificação, na qual Cristo está ladeado pelos dois ladrões, um que o glorifica e, por isso, foi perdoado, e outro que o nega, sendo, por isso, condenado. Esta visão do bem e do mal, do pecador arrependido e do que blasfema de Cristo, mostra a similitude do seu pensamento com o de Santo Agostinho. Para este último, “*o mal não é mais do que uma expressão deficiente do ser e o livre arbítrio é um bem na medida em que, sem ele, o universo não poderia expandir*

⁴⁴ PAIVA, José Pedro – “O Inferno e o Paraíso em duas visões marginais de origem popular”, *Ler História*, Lisboa: 1997, Separata n. 33, p. 53-66.

⁴⁵ Sobre o inferno e o paraíso ver DELUMEAU, Jean – *Le Péché et la Peur, la culpabilisation en Occident XIII-XVIII siècles*, Paris : Fayard, 1983. DELUMEAU, Jean – *Uma história do paraíso: o jardim das delícias*. Ed. Port. Lisboa: Terramar, 1994.

⁴⁶ PAIVA, José Pedro – “O Inferno e o Paraíso ...ob. cit., p.54.

⁴⁷ *Sermoens e varios discursos do Padre Antonio Vieyra ob. cit.– Discurso IV- A quarta pedra de David*, fls 164.

⁴⁸ Expressão usada por DELUMEAU, Jean – *Le Péché et la Peur, ... ob.cit.*, Paris : Fayard, 1983, p.358

as suas potencialidades nele latentes, pois elas estão confiadas a seres dotados da possibilidade de escolha”⁴⁹. O Doutor da Igreja considerava o livre arbítrio como uma dimensão humana que se designava por vontade e pela possibilidade de escolha entre o bem e o mal.

O Padre António Vieira expõe na citação que se segue o paradigma da arbitrariedade:

“Quando cucificámos a Christo entre dous ladrões, o máo ladrão, como diz S.Lucas: Blasphemabat eum: blasfemava ao Senhor, dizendo que não era Filho de Deos, nem Messias, pois se não salvava a si, nem a elles, como tambem diziam os outros ouvintes: Praetereuntes blasphemabant. Acodio o Bom Ladrão reprehendendo o, dizendo: Nos quidem juste, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali gessit. Os maos e os culpados fomos nós, & assim justamente estamos aqui crucificados; que quanto este Senhor, Nihil, mli gessit, nenhum mal fez, he justo, he Santo, he innocente” “Pois homem, que quando me estão blasfemando, impugna aos que me blasfemão: homem, que quanto todos me tem por malfeitor, elle me confessa por innocente: homem, que quando a minha honra está em opiniões, com tam ruim opinião, acode por mim, & diz que não tenho culpa: este homem ainda que seja um ladrão, há de entrar comigo hoje no Paraiso”⁵⁰

Ambos os ladrões tiveram a possibilidade de escolher entre o bem e o mal: um é salvo e o outro não. Um blasfemou o outro não. Era esta possibilidade de escolha entre a salvação e o pecado que Vieira colocava perante os fiéis e que funcionava como pedagogia de evangelização. É interessante verificar que, neste sermão, a pureza da Virgem era, apenas, o objecto de suporte.

Sermão das Cadeias de S. Pedro em Roma pregado na Igreja de S. Pedro (1674)

Durante uma estadia em Roma, o Padre António Vieira proferiu o sermão das Cadeias de S. Pedro, na igreja com o mesmo nome (*San Pietro in Vincoli*). No sermão ele refere-se ao público *tão douto e de tanta perspicácia*, que sentia quase vacilante a firmeza do seu discurso.

O que Vieira expôs no Sermão das Cadeias tem como objectivo principal a blasfémia cometida

⁴⁹ AGOSTINHO, Santo – *Diálogo Sobre o Livre Arbítrio*, (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa), Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2001, 68 a 70.

⁵⁰ *SermoenS do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prégador de sua Majestade, Parte Duodecima dedicada a Purissima Conceição da Virgem Maria Sra Nossa*, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, 1699, - *Sermão I Da Conceição da Virgem Maria* Fls 19 (fls1 a 21).

pelos homens no dia da morte de Cristo.

“So do fim se pode duvidar, o qual para mim he evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a S. Pedro, como tinha feito a São Tiago (...) E não quis a providência de Christo que morresse Pedro à espada, porque o quis exaltar consigo à morte de cruz. Na cruz estava o mesmo Senhor encravado, quando os judeus o blasfemavam, dizendo: *Confidit in Deo: liberet nunc, si vult eum* (Mt. 27, 43): Já que tem tanta confiança em Deos, por que o não livra agora Deos de nossas mãos? — Isto disse a infidelidade, & o mesmo pudera dizer ainda mais apertadamente a fé. (...)”⁵¹.

A lógica do seu sermão é labiríntica. Vieira recorreu à afirmação e negação da acção de Cristo: primeiro livrou São Pedro das cadeias de Herodes em Jerusalém mas, a seguir, não o livrou das cadeias de Nero, em Roma. Começa o sermão com o dado positivo – salvou Pedro – para a seguir, em Roma, recusar salvá-lo. Vieira afirma que “*a providencia, que supomos de Christo para com São Pedro, ao menos he duvidosa, & mal segura, & tal que não parece sua, porque providencia que não he de todo tempo, de todo lugar, & de todo perigo, providencia que huma vez se lembra, outra se esquece, uma vez acode, outra desampara, uma vez prove e outra não prove, não é providencia. Assim he, mas não foi assim. Tudo concedo e tudo nego*”⁵². Este exercício, negação-afirmação – para chegar à negação da negação, afinal a clássica *reductio ad absurdum* – é por vezes de difícil entendimento, chegando a criar-lhe alguns obstáculos ao ser analisado pelos qualificadores. O seu discurso, enquadrado na época, exprime bem o espírito e a forma do conceptismo barroco. Interessava ao pregador acudir aos homens, prender-lhes a atenção e ensinar-lhes, de uma forma original, que o caminho da salvação consistia em louvar Deus e não em negá-Lo. Num trecho deste sermão Vieira descreve que Pedro morreu na cruz para que a cabeça visível da Igreja se parecesse com a invisível. “*Christo, morre na cruz, com a cabeça inclinada para baixo, & Pedro na cruz, às avessas, com a cabeça levantada para cima, porque a cabeça de Christo, & a de Pedro, recíproca, & reflexamente se retratão, & se vem huma na outra, bem assim como a mesma cabeça, vista, & multiplicada no espelho, parecem duas cabeças, & é uma só*”⁵³. A sugestão barroca do espelho e do seu reflexo é uma das elucidativas do imaginário de Vieira, pois em si resume e anima o essencial da actividade discursiva e biográfica do pregador: o Múltiplo sujeito ao Um, as Partes sujeitas ao Todo⁵⁴. A unidade do Todo, do universo cristão, era um sonho de Vieira retratado neste excerto: “*Notável coisa he ver o zelo e providência universal com que São Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como se ele fora todos*

⁵¹ *Sermoens do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, Prégador de Sua Magestade Quarta Parte,-Sermão das Cadeas de São Pedro*, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, MDCLXXXIII, fls.114.

⁵² *Sermão das Cadeas de São Pedro, ob.cit.*, fls 112.

⁵³ *Sermão das Cadeas de São Pedro, ob.cit.*, fls 115.

⁵⁴ MENDES, Margarida Vieira – *A Oratória Barroca de Vieira...ob.cit.*, p. 538.

ou estivera em todos, & todos nele. Mas por isso lhe entregou Cristo as chave, & o cuidado do universo”⁵⁵.

Vieira fez analogia entre a sua evangelização e a de São Pedro, partindo da ideia que quando não podia evangelizar com a presença e com a voz, fazia-o com a pena⁵⁶. O pregador afirmou que usava nos seus sermões a majestade do estilo, a solidez da doutrina, as sentenças e, no ardente zelo, as palavras de São Pedro.

Em Roma os seus sermões foram apreciados por cardeais, pela rainha da Suécia e pelo Geral da Companhia de Jesus.

Conclusões

Este estudo pretendeu mostrar a visão do Padre António Vieira sobre o pecado da língua. No sermão vieirino, o termo blasfémia surge em 30, num conjunto de 221 sermões examinados.

Os autores a quem Vieira mais recorrentemente atribuía o “pecado da língua⁵⁷” pertenciam, geralmente, a grupos sociais dominantes, ou mais privilegiados. Neste grupo de pessoas incluem-se os governantes e as elites culturais laica e eclesíastica.

O ataque à blasfémia surgia como forma de mostrar a ignorância dos homens, a cobiça, a inveja e a ociosidade. Verificou-se ainda que a blasfémia apontada pelo missionário atingia somente o panteão da família divina, o Pai, o Filho e a virgem Maria.

Nos 30 sermões analisados averiguou-se que havia ligação a um ciclo temporal próprio. Isto é, a maioria dos sermões em que Vieira se insurgiu contra os blasfemos foi realizada no *Tempo Comum*: contam-se 22. Estes não tinham correlação com o tema do calendário litúrgico; houve um maior registo por corresponder a um período de tempo mais alargado. No *Ciclo da Páscoa* registaram-se 6 sermões e o tema foca essencialmente a paixão de Cristo e a blasfémia dos homens cometida perante esse acto.

A descrição do inferno desempenhou um papel importante na oratória vieirina, surgindo como a pedagogia utilizada no combate à blasfémia, o que estava em consonância com a reforma tridentina e a *pastoral do medo* por ela veiculada como sugeriu Jean Delumeau.

⁵⁵ *Sermão das Cadeas de São Pedro, ob.cit.*, fls 124.

⁵⁶ *Sermão das Cadeas de São Pedro, ob.cit.*, fls 129.

⁵⁷ Expressão de Jacques le Goff in GOFF, Jacques, CASAGRANDE, Carla, VECCHIO, Silvana – *Les Péchés de la Langue. Discipline et éthique de la parole dans la culture médiéval*. Paris: Editions du Cerf, 1991, p.11. (Préface de Jacques Le Goff)

A consonância com o humanismo é perceptível no discurso, quer pela lógica que aplica, quer pela ligação com os autores clássicos como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, de um lado, e Plotino e Santo Agostinho, de outro. Como afirmou Sónia Salomão, esta aglutinação fazia de António Vieira um misto de orador e de apóstolo⁵⁸.

O Padre António Vieira notabilizou-se nas missões religiosas, nas proezas diplomáticas e políticas e através do zelo com que conduziu a sua vida, mas é, sem dúvida, através da sabedoria dos seus discursos, neste caso particular, na exortação de quem blasfemava que ele se imortalizou para salvar as almas dos “*peccati oris*”.

Fontes:

BARROS, Padre André de (SJ) – Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus, chamado por Antonomasia O Grande: Acclamado no Mundo Por Principe dos Oradores Evangelicos. Pregador Incomparavel dos Augustissimos Reys de Portugal, Varão esclarecido em Virtudes, e Letras Divinas, e Humanas; Restaurador das Missões do Maranhão e Pará. Dedicada ao Serenissimo Senhor Infante D. Antonio pelo Padre André de Barros da Companhia de Jesus, Lisboa: Na Officina Sylviana, MDCCXLVI.

Exercícios espirituales e meditações da via purgativa sobre a malícia do peccado, vaidade do mundo, miserias da vida humana e quatro novissimos do homem / Escritas pelo P. Manoel Bernardez. Acrescentadas nesta segunda impressão com hum Index das cousas notaveis. Lisboa : Na Officina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, 1706-1707.

Obras integrais de Padre António Vieira [Documento electrónico]. Braga: Projecto Vercial, 2003. (1 CD-ROM.Obras Integrais de Autores Portugueses.Versão 2.0 para Windows 95, 98, NT, 2000, Me e XP), p. 4-5.

Ordenações do Senhor Rey D. Afonso V, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, Liv.V, Tit. LXXXXVIII, p. 354.

Regimento do Santo Officio da Inquisiçam dos Reynos de Portugal. Ordenado por mandado do Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Dom Francisco de Castro, Inquisidor Geral do Concelho de Estado de sua Majestade, Lisboa: Manuel da Silva, 1640, Liv. III, Tit. XII fl. 175.

SARAIVA, José António – *O Discurso Engenhoso: ensaios sobre Vieira*, Lisboa: Gradiva, 1996 (1ª edição), p. 111-113

Sermão XXI a Maria Rosa Mística, Maria Rosa Mystica. Excellencias, Poderes, e Maravilhas do seu Rosario: compendiadas em Trinta Sermoens Asceticos, e Panegyricos, sobre os dous Evangelhos desta Solennidade, Novo, & Antigo: offerecidos à Soberana Magestade da mesma Senhora pelo P. Antonio

⁵⁸ SALOMÃO, Sonia N. – *As lágrimas de Heráclito...ob.cit.*, p.57.

Vieira, da Companhia de Jesu, em cumprimento de um Voto, feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de que por sua immensa Benignidade, & poderosissima Intercessão sempre shio livre. I Parte, Lisboa: Na impressão Craesbeeckiana. Anno MDCLXXXV

Sermoens e varios discursos do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prégador de sua Magestade Tomo XIV Obra posthuma dedicada à Purissima Conceiçam da Virgem Maria N, Sra, Lisboa: Por Valentim da Costa Deslandes, MDCCX.

Sermoens de Padre Vieira da Companhia de Jesu, Prégador de sua Magestade Undecima parte oferecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Majestade, MDCLXXXVI, “Sermão de Santa Catarina”, fls. 1- 45.

Sermoens de Padre Vieyra da Companhia de Jesu, Pregador de sua Magestade Undecima parte oferecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Majestade, MDCLXXXVI – “Sermão das Qurenta Horas”, fls 171 - 205. e 188.

Sermoens do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu, Prégador de sua Majestade, Parte Duodecima dedicada a Purissima Conceição da Virgem Maria Sra Nossa, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, 1699, - Sermão I Da Conceição da Virgem Maria Fls 19 (fls1 a 21).

Sermoens do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, Prégador de Sua Magestade Quarta Parte, Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, MDCLXXXIII, - Sermam da Quinta Dominga da Quaresma: Na Igreja da Cidade de São Luis do Maranhão. Anno 1654, fls (291 a 317), 292

Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola – História da Filosofia, Lisboa: Editorial Presença, 2000, (5ª Edição) p.53 - 70.

ALVES, Ana Ruas– Por Quantos Anjos Pario a Virgem – Injúrias e Blasfémias na Inquisição de Évora, 1541 a 1707, Universidade de Coimbra: dissertação de mestrado apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006, p. 42 – 43, p. 96, 98 - 105.

AQUINO, Tomás de – Suma theologica de São Tomás de Aquino. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, vol. 7, 1959-64 p. 423.

BOTERO, Giovanni. – Della ragion di Stato, Torino: Ed.de L.Firpo, Livro II, cap.16, 1948, p.137.

BOURDIEU, Pierre - Langage et pouvoir symbolique, Paris : Editions du Seuil, 2001, p. 107-108.

DELUMEAU, Jean – Injures e Blasphemes Paris: Ed. Imago, 1989, p. 27.

_____ - *Le Péché et la Peur, la culpabilisation en Occident XIII-XVIII siècles*, Paris : Fayard, 1983

_____ - *Uma história do paraíso: o jardim das delícias*. Ed. Port. Lisboa: Terramar, 1994.

Site sphaera/computo/liturg.htm – “Calendário Litúrgico”, consultado no dia 17 de Agosto de 2006.

GOFF, Jacques, CASAGRANDE, Carla, VECCHIO, Silvana – *Les Péchés de la Langue*.

Discipline et éthique de la parole dans la culture médiéval. Paris: Editions du Cerf, 1991, p.11. (Préface de Jacques Le Goff)

MENDES, Margarida Vieira – *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa: Caminho, 2003 (2ª ed.), p. 522.

PAIVA, José Pedro – “As bruxas na obra de António Vieira”, separata de *Le streghe nell'opera di Vieira*, Padova: CLEUP, 1999, 1-6.

_____ – “O Inferno e o Paraíso em duas visões marginais de origem popular”, *Ler História*, Lisboa: 1997, Separata n. 33, p. 53-66.

_____ – “Pastoral e evangelização. As Missões internas”. *História Religiosa de Portugal*, Lisboa: Circulo de Leitores, 2000, p. 239-250.

PALOMO, Federico – *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, LIV I, p. 333.

_____ – *A Contra-Reforma em Portugal, 1540-1700*, Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p.58.

PIRES, José Alves, S.J. – *Actas Terceiro Centenário da Morte do Padre Vieira*, “Vieira-Visionário e homem de acção”, Braga: Faculdade Teologia de Braga- UCP, vol.III, p.1609 a 1634.

PLATÃO – *A República*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949. (trad.Maria Helena da Rocha Pereira), Liv. II, p. 96-100.

SALOMÃO, Sonia N. – *As lágrimas de Heráclito*, São Paulo: Editora 34, 2001, p.57.

VIEIRA, Padre António – *A história dos acontecimentos de 1624 feita pelo próprio Vieira na carta anual do Colégio da Bahia ao Geral dos Jesuítas*.

_____ – *A Missão de Ibiapaba, Coimbra: Nova Almedina, 2006*, (traduzido de *La Mission d'Ibiapaba. Le père António Vieira et les droit des Indiens*, tradução e notas de João Viegas, prefácio de Eduardo Lourenço, Paris : Chandeigne/Unesco, 1998).